

Quarta de cinzas. Por Juliana Fernandes Gontijo.

Francisca e José Pedro eram o "dito" casal muito apaixonado. Em uma conversa, certa vez, os dois combinaram que não seriam sepultados e, como eram muito prevenidos, fizeram um plano funerário com direito à cremação. Eles não admitiam a hipótese de morrer e descer para os "sete palmos com a terra em cima". Foram a um cartório e deixaram um documento assinado onde estava escrito que, se morressem juntos, as cinzas, seriam depositadas em uma urna no cemitério pela filha, Celeste. Caso contrário, quem falecesse primeiro teria as cinzas guardadas em um cachepô branco com duas listas douradas e dois cavalos brancos se olhando. Era uma relíquia de porcelana da família. Seria preciso apenas lacrar o recipiente posteriormente. Onde quer que o viúvo ou a viúva fosse, levaria o recipiente. Seria uma forma de demonstrar o amor a quem já havia partido "dessa para melhor".

Após uns 10 anos de pagamento, José Pedro morreu em decorrência da bebida. Não, ele não era alcoólatra. Numa quarta-feira de cinzas, um caminhão de cerveja o atropelou; ele morreu na hora.

Como foi uma morte estúpida, Francisca entrou em estado de choque. Ela nem conseguiu comparecer ao velório, nem à cerimônia de cremação. Deixou a filha resolver os trâmites e ficou em casa sob efeito de remédios tranquilizantes.

Alguns dias depois, ela criou coragem, foi ao cemitério rezar e retirar as cinzas do marido.

Levava o cachepô branco para tudo o que era canto, mas não contava a ninguém. Os poucos que sabiam da história, diziam que ela não batia bem da cabeça. Mesmo com o apego às cinzas do marido, ela também guardava na bolsa uma latinha com cinza de fogão à lenha. A mãe dela dizia que, para curar uma pessoa de vômito, era bom tomar uma colher de sopa de cinza misturada em um copo cheio d'água.

Um dia, ela foi convidada para o casamento da sobrinha, Marinalva, filha da irmã mais velha, Iracema. O matrimônio era no Acre. Como Francisca não tinha dinheiro para passagem de avião, foi se aventurar de ônibus; quase 3 dias de viagem de Minas ao norte do Brasil. Como de costume, o cachepô e a latinha iam na bolsa.

— Mãe, não acredito que a senhora vai levar isso!

— Claro, Celeste! Esse foi o combinado com seu pai.

— Ele já morreu há 5 anos, mãe. Deixa isso. Vai que tem blitz e a polícia acha que é droga.

— Vira essa boca pra lá! Vai dar certo.

— É arriscado! Depois não diga que não falei.

E a mulher de José Pedro continuou arrumando as malas:

— Chega, filha! Vou levar e pronto!

Ela partiu para o Acre. Por uma falta de sorte do destino, a polícia estava fazendo uma blitz numa estrada federal. Era o primeiro dia de viagem. Os agentes pediram que todos os ocupantes descessem do ônibus, pois suspeitavam de tráfico de drogas.

Francisca passou aperto, pois teve medo de que os agentes revistassem a sua bagagem. "Ô boca de Celeste!", pensou. Tentou disfarçar, ao máximo, que houvesse algo "de errado" com os seus pertences. Os policiais nem os cães farejadores não perceberam. Os recipientes estavam bem fechados e não exalavam cheiro de fumaça. Passado o susto, depois de pelo menos meia hora de revista, a viagem seguiu seu curso.

Quando chegou à casa da sobrinha, Marinalva, foi uma festa à parte. Havia 20 anos que ela não via os parentes. As irmãs se cumprimentaram e quase choraram de felicidade. A última mês que Francisca viu a sobrinha, a menina tinha apenas 1 ano. Iracema fez um banquete:

— Hoje tem Baixaria!

— O quê?

— Um prato típico daqui. É uma mistura de cuscuz de milho hidratado com manteiga, um ótimo preparo de carne moída, ovo frito e cheiro-verde.

— E vamos com uma cachacinha, né?

— Não! Para acompanhar, uma caneca de café com leite.

— É bom mesmo, Iracema?

— Demais da conta, como vocês falam lá em Minas.

Sentaram à mesa para comer. Francisca era meio esfoveada e comeu três pratos da iguaria.

— Realmente, bom demais da conta!

Menos de uma hora depois, a mãe de Celeste começou a passar mal. Iracema, vendo a situação da irmã, tentou agir rápido:

— Hoje eu não tenho cinza do fogão aqui, Francisca. Mas tenho boldo.

— Eu tenho, Iracema. — Disse a viúva com muita dificuldade. — Pega uma latinha branca na minha bolsa azul. A receita você sabe.

Marinalva correu até o quarto onde estavam as bagagens da tia e foi procurar o tal recipiente. Gritou de lá mesmo:

— É um cachepô branco?

— Pega logo a cinza, Marinalva. Eu preciso vomitar, estou passando muito mal. A Baixaria não me fez bem.

A moça, temendo uma desgraça antes do seu casamento, tentou de tudo para abrir a tampa. Como não conseguiu, pegou o martelo de carne e quebrou a tampa. "Tão bonito e para guardar cinzas para vômito. Ainda tem um saco amarrado? Para quê tanta segurança?" — Pensou.

— Anda logo, Marinalva, sua tia precisa vomitar.

— Já vou, mãe. — Grita da cozinha, fazendo a mistura para levar à sua tia.

Francisca virou o líquido na boca, mesmo achando o gosto um pouco estranho e correu para o banheiro.

— Não dura 5 minutos e já "chamo o Juca". — Dizia com muita dificuldade.

— Chama o quê?

— "O Juca", Marinalva. É quando a pessoa quer vomitar. — Disse Iracema no desespero.

A mãe de Celeste começou a colocar tudo o que tinha no estômago para fora:

— Tem algo estranho aqui. — Gritou ela.

— O que foi tia?

— Pegou foi a latinha branca?

— Que latinha branca? Achei um cachepô branco, bonitinho. Não consegui abrir, então quebrei a ponta no desespero.

— O quê? Eu não acredito no que você fez! Essa é a cinza do meu finado José Pedro!!! Eu estou vomitando sangue! Socorro!!!

— O quê? — Marinalva nem conseguiu terminar de falar. Desmaiou de susto, enquanto Francisca ia desfalecendo ao chão e Iracema gritava pelos quatro cantos da casa, à procura do marido:

— Afonso! Afonso! Pelo amor de Deus, chama o SAMU!
